



Site do autor: livrosqueardem.com

PRÓLOGO

A doutora Alexandra Mucavele, cuja noite acompanharemos, não é heroína por escolha estética, nem mártir por vocação literária. É, antes, uma profissional que teve o azar — ou o caráter — de levar a sério aquilo que jurou um dia, diante de testemunhas que hoje talvez nem se recordem do evento.

Convém advertir: nesta narrativa, a morte não é vilã, a vida não é heroína, e o governo — esse personagem invisível — é talvez o único que nunca aparece em cena, embora seja o autor de muitos dos seus desfechos.

A Entrada Triunfal (ou quase isso)

Às vinte horas de uma sexta-feira que já nascera cansada, entrou no Hospital de Mavalane a doutora Alexandra Mucavele, de trinta e dois anos — idade em que uns começam a viver e outros já começam a desistir; ela fazia ambos simultaneamente.

— Doutora, chegou cedo hoje — disse o segurança, com a gravidade de quem guarda não portas, mas destinos.

— Cheguei a horas, o que neste país já é um milagre — respondeu ela, ajustando o estetoscópio como quem afia uma espada.

Sete anos de formada. Sete anos a aprender que a medicina, ali, não era ciência — era

fê com bata branca.

Entrou. O hospital respirava como um velho asmático: com esforço e resignação.

O Primeiro Grito da Noite

Não demorou. O primeiro paciente chegou antes mesmo que Alexandra terminasse de sentar.

— Acidente de chapa! — gritou um enfermeiro.

Entraram dois corpos: um que ainda negociava com a vida e outro que já assinara contrato com o silêncio.

— Este aqui ainda responde — disse o enfermeiro.

Alexandra inclinou-se:

— Senhor, consegue ouvir-me?

O homem abriu um olho, talvez por educação.

— Doutora... foi o travão...

— Aqui ninguém morre por falta de explicação mecânica — respondeu ela, seca. — Vamos trabalhar.

O outro corpo ficou quieto, como quem finalmente encontrou um sistema que funciona: o da morte.

A República dos Feridos

Às vinte e três horas, a urgência já era uma assembleia nacional de desgraças.

— Próximo! — chamou Alexandra.

Entrou um homem com a testa aberta.

— O que aconteceu?

— Foi amor, doutora.

— Amor corta assim?

— Quando envolve duas garrafas de nipa, sim.

Atrás dele, uma mulher gritava:

— Ele mereceu!

— Minha senhora — disse Alexandra —, aqui tratamos feridas físicas. As morais ficam para segunda-feira.

Risos contidos. A dor, quando compartilhada, vira quase entretenimento.

As Crianças e o Silêncio

Por volta da uma da manhã, chegaram duas crianças.

Magras. Demasiado magras para terem histórias longas.

— Suspeita de cólera — disse a enfermeira.

Alexandra respirou fundo.

— Soro?

— Acabou.

— Antibiótico?

— Em falta.

Alexandra olhou para o teto, talvez à procura de Deus ou de um fornecedor eficiente.

— Então vamos improvisar — disse, com a serenidade dos condenados.

Uma das mães aproximou-se:

— Doutora, ela vai viver?

Alexandra hesitou. A medicina ensina muitas coisas, mas não ensina a mentir bem.

— Vamos lutar por isso.

E, naquele momento, lutar era sinônimo de tentar.

A Madrugada Filosófica

Às três da manhã, o hospital entrou naquele estado curioso em que o corpo pede descanso e a realidade oferece caos.

Um enfermeiro sentou-se ao lado dela.

— Doutora, por que fazemos isto?

Alexandra sorriu, mas daquele sorriso que não chega aos olhos.

— Porque ainda não aprendemos a fazer outra coisa.

— E o salário?

— Ah... o salário é a prova de que o governo acredita em milagres. Espera que vivamos com ele.

— E respeito?

— Esse está em falta, como os medicamentos.

Ficaram em silêncio. O silêncio, ali, era o único recurso abundante.

O Último Combate

Às cinco e meia, quando a noite já dava sinais de cansaço, entrou mais um caso grave.

— Hemorragia interna! — gritaram.

Alexandra correu.

— Pressão?

— A cair.

— Como tudo neste país — murmurou ela.

— Doutora?

— Nada. Vamos concentrar-nos.

Trabalharam. Lutaram. Insistiram.

Por um momento — breve, quase indecente — pareceu que venceriam.

Mas a morte, naquele hospital, tinha estatuto de residente permanente.

O monitor silenciou-se.

— Hora do óbito: cinco e cinquenta e dois — disse Alexandra.

E anotou, como quem escreve mais uma linha numa história repetida.

A Saída (ou o Retorno ao Mesmo)

Às oito da manhã, Alexandra saiu.

O sol brilhava com uma indiferença ofensiva.

O mesmo segurança acenou:

— Como foi a noite, doutora?

Ela pensou em cadáveres, crianças, sangue, risos absurdos e heroísmos invisíveis.

Depois respondeu:

— Tranquila.

Porque, afinal, a ironia é o último anestésico disponível.

Caminhou lentamente. Não como quem termina um turno, mas como quem sobrevive a uma guerra que ninguém declarou.

E amanhã — ou melhor, na próxima escala — ela voltaria.

EPÍLOGO

Os relatórios médicos foram preenchidos, os óbitos registrados com a pontualidade burocrática que a morte exige, e os sobreviventes — esses teimosos — foram devolvidos à cidade, que os receberá com a mesma indiferença com que entrega os próximos.

Há trabalhos que não são sustentados pelo salário, nem pelo reconhecimento, nem sequer pela esperança. São sustentados por uma espécie de teimosia moral — uma recusa obstinada em deixar que tudo desabe de uma vez.

E assim, enquanto os discursos se acumulam em gabinetes bem iluminados e as promessas envelhecem com dignidade, há quem, em silêncio, continue a costurar o mundo com fios gastos.

Alexandra é uma dessas costureiras.

E amanhã — como ontem — alguém voltará a bater à porta da urgência.

E alguém atenderá.

FIM